

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Waldemar Scheliga*

antigo. Na Prússia, o primeiro “horti medici”, foi implantado em 1658, na cidade de Halle.

No decorrer do tempo, outras plantas, sem relação com finalidades medicinais, foram introduzidas nas coleções e, assim, deu-se a transição dos “horti medici” para os atuais jardins botânicos, que, ainda hoje, funcionam integrados às universidades, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Existem, no



Orquídeas vegetando em árvores do Jardim Botânico. Veem-se uma touceira de *Maxillaria* e uma *Cattleya labiata* florida. Foto Carlos Ivan.

Com a consciência universal voltada às questões de ecologia e de preservação do meio ambiente, a missão dos jardins botânicos, de cultivar as espécies vegetais, é tarefa de vital importância.

Na Europa, os jardins botânicos nasceram da necessidade de familiarizar os estudantes de medicina com as ervas curativas. Por isto eram chamados de “horti medici” e, geralmente, eram administrados pelas Faculdades de Medicina. O Jardim Botânico de Pádua (Itália), fundado em 1545, é considerado o mais

Brasil, onze jardins botânicos e organizações congêneres, sendo o do Rio de Janeiro o maior e mais antigo, fundado em outubro de 1808, pelo, então, Príncipe Regente, D. João VI, com o nome de Horto Real. No início, sua finalidade era a aclimação de especiarias trazidas do Oriente. Mais tarde o nome foi mudado para Real Jardim Botânico, passando então a cultivar outros gêneros de plantas. Em 1824, D. Pedro I entregou a direção, pela primeira vez, a um botânico, Frei Leandro do Sacramento, que desenvolveu importantes obras de ampliação, que, ainda hoje, ostentam o aspeto que foi implantado pelo mesmo.

Outro botânico de marcante atividade

criativa na direção do Jardim Botânico, foi João Barboza Rodrigues, empossado em 1890. Criou o Herbário, onde, desde então, foram arquivadas e catalogadas cerca de 300.000 espécies de exsicatas (plantas secas), o Museu e a Biblioteca, esta que leva, hoje, o seu nome e abriga 70.000 volumes, sendo 2.000 de obras raras, remontando a mais antiga ao ano de 1565. Lá, também, se encontra, em sala climatizada, a obra inédita de Barboza Rodrigues, em 5 volumes, a "Iconographie des Orchidées du Brésil", contendo as tábulas com os desenhos detalhados das orquídeas descobertas e descritas por ele.

Barboza Rodrigues construiu, também, novos prédios, estufas e arboreto, já com configuração científica.

Com a proclamação da República, a instituição recebeu o nome de Jardim Botânico do Rio de Janeiro e, até hoje, mantém as mesmas características imprimidas por Barboza Rodrigues. É ele, pois, considerado o Diretor que mais contribuiu, com trabalho, e ciência para a grandeza do parque.

Outros diretores competentes se seguiram e deixaram suas marcas de bons administradores, elevando o jardim à grandeza atual.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro ocupa uma área de 137 hectares, da qual 54 constituem a parte cultivada e que abriga espécimes não só nacionais, como de países que estejam na faixa tropical-equatorial e, parcialmente, de áreas temperadas. São cerca de 8000 espécies que se distribuem em agrupamentos filogenéticos ou formando ecossistemas, como os representativos de restinga, de cerrado e da região amazônica.

O atual Superintendente, Dr. Wanderbilt Duarte de Barros dispõe dos atributos que caracterizam um bom administrador. Ao assumir a direção, teve que enfrentar sérios problemas de escassês de recursos financeiros. Para reverter a situação de abandono das

instalações e do jardins, conseguiu respaldo da iniciativa privada, com intermediação da atuante Sociedade dos Amigos do Jardim Botânico, obtendo, assim, apoio e contribuições de respeitáveis instituições, como a Fundação Roberto Marinho, os Bancos Real e Unibanco e da Fundação Banco do Brasil. Em recente entrevista a um jornal carioca, aquele Superintendente declarou que, apesar das muitas melhorias já introduzidas, as reformas necessárias a repor o Jardim Botânico no melhor do seu estado, muito ainda há a fazer. Muito foi feito, isto é visível, mas muito ainda há por fazer. A falta de pessoal, sobretudo especializado, preocupa.

No passado o jardim contou com 140 empregados para sua conservação. Hoje só dispõe de 14, ou seja, 10% daquele número, e isto não significa que o jardim tenha tido mecanizada a sua manutenção, a ponto de poder prescindir do uso intensivo de mão de obra. Não fôsse a ajuda de uma companhia pretolifera, a Texaco, que supre o Jardim com 26 pessoas, a equipe própria da instituição não teria condições de levar a bom termo a limpeza e manutenção do parque. O número de vigilantes é, também, insuficiente: dos antigos 180 guardas, restam 70, que se revezam em 2 turnos de 35 cada.

A 12 de dezembro de 1991, re-inaugurou-se o Orquidário, inteiramente recuperado, com a ajuda, apoio e assistência técnica da Orquidário, que, não só, integrou a Comissão Curadora, como obteve dos seus sócios e de orquidários comerciais (dentre os quais destacam-se Florália, Binot, Aranda, Quinta do Lago, Equilib, entre muitos outros), doações de plantas e materiais, além de ceder seu então Vice-Presidente, para coordenar os trabalhos de reorganização. Por sua vez, botânicos, em trabalho de campo, coletam novas espécies, enriquecendo, assim, a coleção.

Presume-se que o orquidário tenha

Presume-se que o orquidário tenha sido construído há cerca de 100 anos e, nele, cabem de dez a doze mil vasos. Dispõe, atualmente, de mais de 2000 espécies e mais outro tanto vegetando, como epífitas, nas árvores do parque. Ao redor do Orquidário existe um pequeno bosque de *Dracenas* em cujos troncos foram hospedadas grandes quantidades de orquídeas. São, na sua grande maioria, espécies botânicas, dificilmente encontradas em coleções de amadores. Notáveis são algumas raridades, entre elas a *Laelia alaori* Brieger & Bicalho e a *Cogniauxiocharis glazoviana* (Cogn.) Hoehne, assim como uma grande coleção dos gêneros *Maxillaria* e *Pleurothallis*.

É bastante provável que Barboza Rodrigues tenha também construído o atual orquidário, o que se supõe, dada a sua paixão por essa família vegetal e o tempo da construção, já que, infelizmente, da crônica histórica da instituição não consta qualquer referência a esse respeito. Existe apenas uma curta notícia de que na sua gestão teria sido feita uma reforma no orquidário. Pode depreender-se, daí, que a primeira estufa, em forma de rotunda, segundo o estilo inglês da época (e que, até hoje, ostenta, na fachada, a palavra "Orquideário"), tenha sido construída antes da gestão de Barboza Rodrigues, ou seja, antes de 1890. No entanto, agora, só abriga antúrios, samambaias, avencas e outras pteridófitas. Quanto às minhas conjeturas, quero lembrar que Barboza Rodrigues durante muitos anos viajou pelo Brasil fazendo pesquisas e estudos botânicos na Amazônia e outras regiões e, por isso, conhecia perfeitamente os hábitos vegetativos das plantas e, particularmente, das orquídeas e jamais cultivaria as mesmas em ambiente que não fosse condizente. Seja como for, implantado por Barboza Rodrigues ou não, o atual orquidário, amplo e arejado, atende melhor às exigências das melhores técnicas de cultivo

Devido às condições climáticas somente as espécies que tem seu habitat natural

em regiões de clima quente podem ser cultivadas nesse local. Para o cultivo bem sucedido de orquídeas de clima temperado ou frio, seria necessária a construção de estufa climatizada, de construção difícil e com elevados custos, de obras e manutenção. Solução mais econômica seria, com certeza, a instituição, por exemplo, de uma "filial" do Orquidário, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, onde as plantas de clima temperado e frio de qualquer gênero encontrariam condições ideais para vegetar, podendo ser estudadas.

O orquidário não é franqueado ao público. Somente orquidólogos e pesquisadores tem acesso ao local, mediante licença especial da administração, pois a função de um orquidário em Jardim Botânico, ou Universidade é o cultivo, para estudo, de espécies nativas, especialmente daquelas em risco de extinção, em busca de condições para sua preservação.

Interessante é observar que durante a realização do 3º Congresso Internacional de Conservação em Jardins Botânicos, realizado em outubro do ano passado no Rio de Janeiro, sob o tema "Os jardins botânicos num mundo em transformação", assunto dos mais debatidos foi o estudo de plantas medicinais, quase que numa revivescência dos "horti medici" das origens... Estes congressos trianuais contam com a participação de 67 países, nesse último, foram analisados os progressos contínuos e o envolvimento dos jardins botânicos de todo o mundo na implementação de estratégia global de conservação e, sobretudo, a reação a adotar em face dos problemas impostos pelas mudanças globais. Os participantes tiveram oportunidade de discutir temas que desafiam os jardins botânicos de todo o mundo, já que estão sendo desenvolvidos planos e programas de preservação da biodiversidade e de reforço do papel de tais instituições na execução dessas tarefas. Nas sessões foram tratados aspectos como os que se seguem:

- os jardins botânicos e sua reação frente às mudanças globais;
- os jardins botânicos e a reintrodução de plantas;
- os jardins botânicos e a horticultura prática;
- registro e documentação de plantas em jardins botânicos;
- os jardins botânicos e a conservação "in situ";
- educação e consciência ambiental: o papel dos jardins botânicos.

Conclue-se destas observações que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como instituição científica de inestimável valor deveria merecer maior empenho de governos e apoio da sociedade como um todo. Forçoso é concluir, contudo, que o interesse governamen-

tal pela cultura, ciência e tecnologia não tem passado de retórica e já anda beirando o descaso.

As vinculações administrativas do Jardim Botânico, com o IBAMA e o Ministério do Meio Ambiente, que também sofrem os crônicos problemas de falta de verbas e, por isto, têm outras prioridades, representam, no meu entender, um problema a mais e não uma solução, já que, o de que necessita um jardim botânico, é de mais liberdade e autonomia para cumprir suas finalidades, que não se limitam apenas às questões de que se ocupam aquelas entidades.

* Rua Alameda Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.